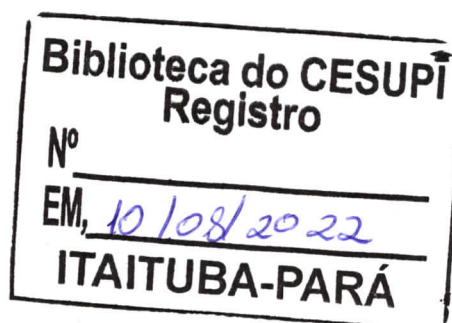




CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE ITAITUBA – LTDA
FACULDADE DE ITAITUBA – FAI
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS

ANTÔNIA RÍSSILA DE SOUSA ARAÚJO

CHICK LIT, UM GÊNERO DA LITERATURA FEMININA:
Um olhar para do livro Perdida de Carina Rissi



Itaituba – PA
2018

ANTÔNIA RÍSSILA DE SOUSA ARAÚJO

CHICK LIT, UM GÊNERO DA LITERATURA FEMININA:

Um olhar para do livro Perdida de Carina Rissi

Monografia apresentada para conclusão do
Curso de Licenciatura Plena em Letras da
Faculdade de Itaituba.

Orientadora: Prof.^a. Esp. Mara Aparecida
Pereira do Nascimento

Itaituba – PA

2018

*A minha família que é
minha base, em especial ao
meu marido Leandro e ao meu
filho, Miguel Theodoro Araújo
Amaral. Dedico-lhes essa
conquista.*

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus...

Agradeço a meu marido, Leandro Amaral e meu filho Miguel Theodoro, que recebi durante minha formação acadêmica.

Agradeço a todos os meus colegas de classe que me acolheram em especial Alice Juvenal e Marlyane Amaral e a todos meus professores que me ensinaram e sem eles não teria adquirido o conhecimento preciso para a conclusão desta monografia.

Em especial minha orientadora Mara Aparecida que demonstrou neste período, paciência e sabedoria me guiando e me ensinando.

A minha família, meus pais Sula e Borges e minhas mães Perpetua e Madalena, e irmãos que sempre me ajudaram nesta caminhada.

COR DE ROSA CHOQUE

*Nas duas faces de Eva
A bela e a fera
Um certo sorriso
De quem nada quer...*

*Sexo frágil
Não foge à luta
E nem só de cama
Vive a mulher...*

*Mulher é bicho esquisito
Todo o mês sangra
Um sexto sentido
Maior que a razão*

*Gata borralheira
Você é princesa
Dondoca é uma espécie
Em extinção...*

*Por Isso não provoque
É cor de Rosa Choque...*

Rita Lee

RESUMO

A literatura possui um campo muito vasto de ramificações de estilos e gêneros, como o gênero Chick lit, objeto desse estudo e análise nesse trabalho de conclusão de curso. Os objetivos desse estudo compreendem apresentar O *Chick-lit*, um o gênero literário contemporâneo em pleno crescimento, observar a abordagem de temas do universo feminino, bem com, realçar a importância da literatura de entretenimento, A metodologia utilizada para elaboração e concretização desse trabalho de conclusão de curso se apoia na pesquisa bibliográfica e na análise temática da obra "Perdida" da autora Carina Rissi. Verificou-se no decorrer da coleta de dados bibliográficos que a Literatura *Chick lit* tem recentemente se difundido na Literatura, conseguindo chamar a atenção do público e da indústria comercial, inclusive, bastante rentável, chegando a best-sellers. A mesma vem ganhando adeptos e fãs pois o gênero encanta o público feminino por ser próximo da sua realidade, trazendo ao longo da trama verossimilhança com universo feminino. A literatura feminina, ou seja, o gênero *Chick lit* pode-se dizer que é o berço para manifestações, se tornando-se a voz das mulheres contemporâneas, herança das tantas lutas pelas conquistas por espaço e por sua emancipação, inclusive, na Literatura. Esse gênero literário conta e reescrevendo a história pela ótica feminina, trazendo temática relevantes e questionando pontos como casamento, educação, trabalho, assédio e direitos. Desta forma, Chick-lit não se trata de "literatura de mulherzinha", sem consistência, sem proficiência de assunto, nem tão fútil e superficial, o que foi demonstrado pela análise temática realizada da obra Perdida de Carina Rissi.

Palavras-chave: Literatura. Gênero. Contemporâneo. *Chick lit*. Carina Rissi.

ABSTRACT

The literature has a very wide field of ramifications of styles and genres, such as the genus Chick lit, object of this study and analysis in this work of conclusion of course. The objectives of this study are to present Chick-lit, a contemporary literary genre in full growth, to observe the approach of themes of the feminine universe, as well as to highlight the importance of the entertaining literature, The methodology used for the elaboration and concretization of this work of conclusion of course is based on the bibliographical research and thematic analysis of the author's "Lost" work. Carina Rissi. It was verified during the collection of bibliographical data that Literature Chick lit has recently spread in Literature, managing to attract the attention of the public and commercial industry, including, quite profitable, reaching the best sellers. The same has been gaining fans and fans because the genre enchants the female audience because it is close to its reality, bringing along the verisimilitude plot with female universe. Female literature, ie the genus Chick lit, can e said to be the cradle for manifestations, becoming the voice of contemporary women, an inheritance of the many struggles for space conquests and their emancipation, even in Literature. This literary genre recounts and rewrites history through the feminine view, bringing relevant themes and questioning points such as marriage, education, work, harassment and rights. In this way, Chick-lit is not a "woman's literature", without consistency, without subject proficiency, nor so futile and superficial, which was demonstrated by the thematic analysis carried out on the work *Perdida* de Carina Rissi.

Keywords: Literature. Genre. Contemporary. Chick lit. Carina Rissi.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
2 FUNDAMENTAÇÃO	12
2.1 MULHER: PAPEIS E VISÃO NO TRANSCORRER HISTÓRICO SOCIAL	12
2.2 AS REPRESENTAÇÕES DE PERSONAGENS FEMININAS NA LITERATURA	15
2.3 A MULHER ESCRITORA NO CENÁRIO LITERÁRIO.....	21
2.4 CHICK LIT: UM GÊNERO DA LITERATURA FEMININA	27
2.5 SUBGÊNEROS DO CHICK – LIT	31
2.6 BLOGOSFERA LITERÁRIA e AUTORAS DO <i>CHICK-LIT</i> EM DESTAQUE	32
3 METODOLOGIA	39
3.1 TIPO DE PESQUISA.....	39
3.2 OBJETO DE ESTUDO, DE COLETA DE DADOS E DE ANÁLISE.....	40
4 RESULTADOS E DISCUSSÕES.....	42
4.1 ANÁLISE TEMÁTICA DO LIVRO “PERDIDA” DE CARINA RISSI.....	42
4.1.1. Momento em que ela se transportada para outro local.	45
4.1.2. Momento em que ela percebe que está no ano de 1830.....	45
CONCLUSÃO	52
REFERÊNCIAS	53

INTRODUÇÃO

Esta monografia tem como tema Chick lit, um gênero da literatura feminina: um olhar para o livro *Perdida* de Carina Rissi. Chick lit é visto como “literatura de mulherzinha”, onde sofre com os olhares preconceituosos e recebendo crítica constantemente de um público sem proficiência do assunto, julgando apenas como melancólica inferior e superficial, o que configura problemática a ser investigada.

No entanto, Chick lit é um gênero literário, que procura abordar temas femininos, mais deixando de lado a mulher frágil e indecisa presa em um mundo de fantasia e contos de fadas, mostrando o lado opinioso guerreiro, as dificuldades encontradas, os dilemas do dia a dia, os encontros e desencontros, a rotina de uma mulher moderna e instigadora. Desta forma, justifica-se dedicar-se a referida pesquisa, refletindo-se na rica possibilidade metodológica para aulas de literatura para alunos do Ensino Médio, visto que comporta temática atual e pode aguçar o gosto pela leitura em jovens e adolescentes por conta de sua linguagem simples e moderna.

Os objetivos desse estudo compreendem apresentar *O Chick-lit*, um o gênero literário contemporâneo em pleno crescimento, observar a abordagem de temas do universo feminino, bem com, realçar a importância da literatura de entretenimento, tendo-se as seguintes questões norteadoras: O que é literatura Chick-lit e quais seus subgêneros? De que maneira esse gênero encanta as mulheres? Quais os aspectos bibliográficos de Carina Rissi? Quais os aspectos temáticos sociais, entre outros, são evidenciados em seu livro *Perdida*.

A metodologia utilizada para elaboração e concretização desse trabalho de conclusão de curso se apoia na pesquisa bibliográfica e na análise temática da obra “*Perdida*” da mencionada autora.

O trabalho estrutura-se em introdução aqui apresentada, em fundamentação trazendo os papéis e visões da mulher no transcorrer histórico social, as representações de personagens feminina na Literatura e em seguida com escritora no cenário literário, aspectos conceituais e particularidades da Literatura Chick lit, algumas de suas autoras em destaque, e a blogosfera literária como veículo de disseminação do gênero. Na sequência apresenta-se

a metodologia mais detalhadamente, a análise do livro em questão, finalizando-se com a conclusão em com a apresentação das referências utilizadas.

2 FUNDAMENTAÇÃO

2.1 MULHER: PAPEIS E VISÃO NO TRANSCORRER HISTÓRICO SOCIAL

A mulher sofreu diversas vezes na história, por todas as transições que ocorreram, marcas que enfatizam o descaso e as consequências de uma sociedade machista, marcas de regressão e inferiorização quanto à participação feminina. Em algumas cidades (pólis) gregas ou do Egito, o sexo feminino tinha certos direitos de propriedade ou de igualdade legal. Em geral, porém, a mulher dependia do pai e do marido e sua ação se restringia ao âmbito da casa. Os casamentos eram arranjados entre o noivo, ou o pai deste, e o pai da noiva. As viúvas e seus bens passavam para os cuidados do parente mais próximo na linha de sucessão e estes, se quisessem, podiam tomá-las como esposas.

Na vida privada, em termos gerais, mantiveram alguns direitos da mulher; direitos iguais nas heranças paternas e maternas, controle de seus bens pessoais, mesmo geridos pelo marido, dentre outros. Mesmo assim, a mulher era encarada como tendo uma vocação necessariamente doméstica, ligada à administração da casa. (SILVA, 2013, p. 16).

Por muito tempo ficou confinada a ter missões que eram estipuladas e ordenadas pela sociedade, qual designava seu papel mantendo suas vidas privadas ao lar, ao cuidado dos filhos e do marido, enquanto o homem supria os deveres de maior relevância dentro da casa, da sociedade e da história. Silva (2013) ressalta que a mulher para a história é obrigada a provar para o marido sua eficácia como mulher prendada, casta, obediente e sábia, que tem que se submeter ao seu marido com devida postura recatada.

Na Idade Antiga (período 4000 a.c à 3500), marcada pelo surgimento das primeiras civilizações, destacando a Grécia, as mulheres eram vistas como reprodutoras e cuidadoras, já na Idade média, período do século V ao século XV, marcada pelo feudalismo, propagações religiosas introduziam os modelos de mulheres e ideologias a serem seguidas.

A influência das instituições eclesiásticas na sociedade medieval contribuiu para uma moral que definia os papéis sociais ligadas ao gênero, a partir dos discursos religiosos, surgindo então, a figura da mulher comparada a Eva, responsável pelo pecado original, e à Virgem Maria, a santa e modelo do feminino a ser seguido, criando, assim, representações por meio dessas figuras, que se relacionam entre o poder e o imaginário (SILVA, 2012, p,03)

Devido à influência religiosa majoritária, a presença feminina restrita, já que os homens eram os únicos que podia exercer cargos dentro das igrejas e as mulheres que não seguiam o perfil de “Maria”, a moça pura, casta, esposa, mãe submissa ao marido, era comparada à imagem de “Eva” e tratada à margem da sociedade, visto que Eva trouxe o pecado e todas as designações de pecado. Através dessas suposições, a mulher era um alvo facilmente atingido para essas possessões, e assim o homem utilizava de seu poder dentro da sociedade e eclesiais para as condenadas, na idade moderna, o homem conseguiu mutilar grande parte das classes femininas, e o medo se fez constatar, a qualquer posição ou expressão contrária.

Numa expressão que dá a volta às humilhações sofridas pelas mulheres, percebe-se que na verdade a mulher era tida como inferioridade pela classe machista, as relações históricas que envolveram as mulheres, sempre foram pautadas em condições que traduziam costumes patriarcalistas, e consequentemente, a submissão do sexo feminino perante o masculino (SILVA, 2013, p. 51).

Seguindo ainda rastros históricos da Idade Média, no período do século XV ao século XVII, muitas mulheres foram taxadas, queimadas e julgadas em público, como punição de suas bruxarias, culpadas de heresias produzidas por cristãos e servos das igrejas naquele período. [...] culmina no século XV com a demonologia, conjunto das obras elaboradas pela Igreja que procuravam provar a presença do Diabo na Terra e sua ação por intermédio das bruxas, relacionando diretamente o Mal à mulher... [...] (LIEBEL, 2004, p, 23)

Com base as escritas relacionadas à Eva, como ser que introduziu o pecado induzindo o pobre a Adão com suas artimanhas, levando o mesmo a pecar, na Idade Moderna, a mulher também foi obrigada a levar a culpa por ter beleza e saber aguçar as chamas de um homem, levando ao adultério, um crime muito grande conforme a Igreja, qual massacrou as mulheres, acusando-

as de libertinagem e possessões devido possuírem descendência de Eva, assim, relacionando todo o mal a elas.

Conforme atribuíam-se à mulher os seguintes atributos: vaidade, memória fraca, indisciplina, impulsividade, espírito suscetível às tentações demoníacas, vícios, cobiça pelas riquezas materiais, pela satisfação dos desejos carnavais e pelo poder. “Mas sua cobiça não se limita ao desejo, ela inveja e busca vingança, motivos comuns para a prática da bruxaria. [...] (LIEBEL, 2004, p,34). Portanto, o homem devia ser seu guia e conduzi-la no caminho do bem, já que a mulher seria a raiz de todos os pecados.

Durante anos as mulheres vêm lutando pelo direito de exercer sua cidadania, exigindo igualdade e respeito e mostrando que são tão qualificadas como todos os homens, para esse exercício. Apesar disso, a sociedade patriarcal lhes nega esse direito. (AFONSO,2015;13). Com o passar do tempo apareciam algumas modernizações em questão de direitos, mas há ainda hoje países que restringem os direitos das mulheres, submetidos ao silêncio e ao ordenamento.

O estabelecimento da igualdade das mulheres na vida pública e em todos os níveis do processo político na sociedade reveste-se de diferentes mecanismos para que possam exercer seus direitos e pode-se investigar desta forma, sua aceitação pela sociedade, chegando-se ao consenso de realmente houve evolução jurídica e social da mulher tendo em vista a mesma ser um ser humano com liberdades transcendentais e inatas (TAVARES,2012;12).

O autor supracitado, trata do estabelecimento da igualdade das mulheres na vida pública e em todos os níveis do processo político na sociedade, revestindo-se de diferentes mecanismos para que possam exercer seus direitos e reivindicar sua aceitação pela sociedade, chegando-se ao consenso de que realmente houve evolução jurídica e social da mulher, tendo em vista que é um ser humano com liberdade transcendente e inata.

O homem sempre pode exercer qualquer função sem ter que dar nenhuma explicação ou levantar questionamentos, já a mulher teve que transcorrer um longo caminho, mas a partir do momento em que as mulheres se mostraram capazes de contribuir para o sustento de suas famílias, não foi mais possível tratá-las apenas como donas de casa, ou objetos de prazer, pois,

começaram a buscar e instigar cada vez mais seu papel na sociedade de maneira ativa.

Com o desempenho e vontade de mudança, as mulheres conseguiram aos poucos sua liberdade de maneira a expressar toda sua capacidade, em busca de sua equidade para assim explicar todos seus interesses, conquistar esses direitos e para a sua representação.

No Brasil, no decorrer do período depois da chegada dos colonizadores, durante o mandato de Dom Pedro, mesmo com mulheres que participaram ativamente em guerras, o direito a participação política ao voto era restrito somente ao homem e “durante o governo de Dom Pedro II (1840-1889), as mulheres pouco são lembradas. Seus nomes reluzem apenas como “mariposas”, “donas ou mulheres de cabaré” ou “amantes de D. Pedro” assim destacando o desprezo pela categoria feminina. As mulheres nesse período século XIX, além de não poderem exercer funções de cargos, as mulheres escravas ainda assumiam papel de ama de leite e de satisfaziam os desejos carniais dos patrões, conforme aponta Souza (2005, p.11).

Ressalta-se que 8 de março, no ano de 1975, foi consagrado pela ONU com Dia internacional da mulher, representando marco no movimento feminino para adquirir direitos iguais ou semelhantes ao dos homens nos planos político, jurídico, trabalhista e civil, mas mesmo assim, a luta das mulheres não terminou, pois, o machismo ainda é grande em grande parte do mundo, em especial nos países africanos, asiáticos e latinos, entre os quais o Brasil.

2.2 AS REPRESENTAÇÕES DE PERSONAGENS FEMININAS NA LITERATURA

A mulher é vista na História da humanidade sob o enfoque masculino, sempre privada de seus anseios e diversos direitos, entre eles, a ler e escrever, enfim, a ter acesso à Educação formal, e, conseqüentemente, submissa ao homem e, dentro da Literatura, sua representação não foi diferente.

Durante muito tempo, a história foi escrita sob a ótica masculina e pela classe hegemônica. Portanto, esse tipo de estudo produziu um material restrito, refletindo apenas sobre a figura do homem como

sujeito universal. Suas relações expressavam somente uma versão da história. A figura da mulher raramente era apresentada pelos historiadores, só aparecia marginalmente na história (SILVA, 2013, p.15).

Devido a dominação masculina, desde os primórdios, a visão feminina e totalmente destorcida, e, entre outras consequências, na ficção, a mulher aparecendo camuflada, ou seja, os homens introduziam, em seus relatos, a figura feminina fora de principal ou igual ao seu.

Pelo fato de, no período entre o século XVIII-XX, a mulher começar a externar suas ideologias, conseguindo, lentamente, espaço na sociedade de maneira menos marginalizada, aos poucos sai de personagem secundário. E buscando papéis mais igualitário. Bonnici, ressalta que:

A representação feminina mostrará ou a separação dos problemas, ou o autoexílio, o enfrentamento da diáspora transnacional (que lhes dá oportunidade para crescer) ou a liberdade de situações opressivas familiares. Embora em nível individual a representação ou sucesso esteja à vista, a ambiguidade da situação é percebida na situação da maioria que ficou. (BONNICI, 2012, p 45).

Souza (2005, p. 9) explicita que no decorrer das diferentes épocas literárias, a mulher segue a linha do tempo, mas não de maneira uniforme, social, intelectual e moralmente, em relação ao homem, passando de submissa a deusa. Como a Literatura é o reflexo da sociedade, a desigualdade de gênero transparece, sendo a mulher, na maioria das vezes, uma figura banal, representada ficticiamente personagens colocadas em papel secundário, conforme na realidade social, no que Silva (2013, p. 55) pontua afirmando que a mulher desempenha um papel de mito na Literatura.

Conforme Carneiro (2013) durante a Idade média a mulher, na literatura era retratada com o a que se doava inteiramente ao lar, cuidados com o crescimento do filho e marido, assim fazia com que a imagem da mulher fosse vista como fértil e domável. Na Idade média a mulher foi rotulada como o fracasso do homem, e as visões sexista começaram a descrever cada curva da mulher o corpo e desvalorizando a capacidade cognitivas, e descrevendo com desejo e prazer e mais uma vez, a mulher se torna um objeto, mas compilando Carneiro (2013), a figura feminina e sua representação na Literatura passaram

por significativas transformações ao longo da evolução histórica, isso graças a muitas lutas, nas quais reedificaram a igualdade de gênero, e direitos para as mulheres. As representações femininas na Literatura se manifestaram no século XII, durante o Trovadorismo (XVII à XIV) o trovador, enaltecia a mulher como um anjo, fazendo com que a beleza fosse sempre comparada com a mesma, em busca de conquista-la para usufruir de seu corpo, tornando a mulher um objeto de conquista.

Nas Cantigas de Amor, o trovador costumava destacar as qualidades da mulher amada, colocando-se sempre em posição de vassalo, termo que, na Idade Média, significa "inferior". O tema mais desenvolvido é o do amor não correspondido. Postando-se como vassalo, o trovador espera receber da amada (suserana) um benefício em troca de seus "serviços" artísticos e amorosos. (MOTTA, 2013, p 1)

No Humanismo (XIV - XV), segundo Nascimento (2010) corrente humanista defende a valorização de tudo que diz respeito ao homem, tendo como principal característica o racionalismo, mas a mulher é colocada de lado mais uma vez, vista como submissa, a espera de seu nobre guerreiro e modelo ideal, assim seguindo no também Classicismo (XIV - XVI), sempre como objeto, idealizado e submisso ao homem. Somente no período do Romantismo (XVIII-XIX) houve uma pequena representação que a aproximava ao homem como ser menos inferiorizado, mas ainda, contendo raízes do poder do homem sobre a mulher em nítida visão machista.

Especificamente, por meio da linguagem das personagens, a literatura contribui como reveladora da busca da mulher pela igualdade de gêneros. Isso pode ser percebido no uso que o autor faz do discurso das personagens femininas, muitas vezes, repassando situações, fatos e ações que comprovem que a situação da mulher vem mudando, a seu favor, com o decorrer das épocas". (SOUZA, 2005, p. 20)

No Brasil, Com a chegada dos portugueses em 1500, já foi registrada a presença de índias que assumia a função e afazeres, e cuidados com os filhos, no primeiro contato entre portugueses e indígenas foram amistosos, mais a ganancia por poderes e desejos fez com que a inocência dos povos indígenas

fosse transpassada, e os portugueses assim gerasse um soberania sobre os mesmo, as mulheres indígenas além de serem obrigadas a prestar serviços de mão-de-obra, também eram exploradas constantemente pelos portugueses, e dentro das história sempre foram idealizadas como corpos nus que despertava o desejo e prazer dos portugueses.

Com a chegada dos padres jesuítas, houve uma intensa catequização das crianças, com a intenção de levá-las a aprender a obediência a um Deus todo poderoso, católico e, com isso, incitando-as a abandonar sua tradição étnica e linguística. O cristianismo apresentado pelos padres validava o que fora dito pelos europeus desde que aqui chegaram: que os indígenas eram grotescos e precisavam ser educados, civilizados. Com o Deus Cristão, ficariam libertos dos temerosos demônios e dos comportamentos bárbaros. (KAUSS&PERUZZO;2012, p.35)

As personagens indígenas eram representadas na literatura como animais de corpos esculpidos, as durezas de seus seios, a pele morena e seus cabelos compridos, atizando os desejos dos portugueses por andarem sempre nuas, como mostra a literatura de José de Alencar, no período do Romantismo, no final do século XVII e início do século XIX, em 1865, José Martiniano de Alencar (José de Alencar) lança o livro *Iracema*, um romance entre um marinheiro e uma bela índia.

Iracema, a virgem dos lábios de mel, que tinha os cabelos mais negros que a asa da graúna, e mais longos que seu talhe de palmeira. O favo da jati não era doce como seu sorriso; nem a baunilha recendia no bosque como seu hálito perfumado. Mais rápida que a ema selvagem, a morena virgem corria o sertão e as matas do Ipu, onde campeava sua guerreira tribo da grande nação tabajara. O pé grácil e nu, mal roçando, alisava a verde pelúcia que a vestia a terra com as primeiras águas”
(ALECAR, 2005, p.16)

Dentro da história são constantemente retratadas e enaltecidas suas curvas, bem como, sua pureza, chamando a atenção para a maneira de como

a mulher era representada na literatura, ou seja, utilizando do erotismo, nas descrições da figura feminina.

" E assim dizendo, Iracema tinha o lábio tremulo, e úmida a pálpebra. " (p.20)

"todas as vezes que seu olhar pousa sobre a virgem tabajara, ele sente correr-lhe pelas veias uma onda de ardente chama" (, p.44)

" A boca do guerreiro pousou na boca da mimosa da virgem. Ficaram ambos assim unidos como dois frutos gêmeos do araçá, que saíram do seio da mesma flor" (p.32)

Iracema é um dos romances mais conhecidos no Brasil e dentro do seu enredo diversas vezes é evidenciada a beleza idealizada pela perspectiva masculina, deixando de lado a esfera intelectual. Além dessa, em seus romances, José de Alencar representa a mulher pelo erotismo.

No entanto, a verdade sobre a mulher indígena não foi retratada na sua representação enquanto personagem fictícia. A forma mais verossímil de representação da mulher indígena na literatura seria assim, mostrando nos textos e poemas seus gritos de revolta e dor, enfatizando no poema de Eliane Potiguara:

*Não sou violência. Ou estupro
Eu sou história
Eu sou cunhã
Barriga brasileira
Ventre sagrado
Povo brasileiro
Ventre que gerou
O povo brasileiro
Hoje está só ...
A barriga da mãe fecunda
E os cânticos que outrora cantava
Hoje são gritos de guerra
Contra o massacre imundo.
(POTIGUARA, 2004, p. 34-35).*

O poema de Potiguara externa todas as represálias sofridas pelas mulheres indígenas pelos portugueses, ao mostrar a violência, principalmente o estupro. Mas, seguindo este mesmo contexto representativo de José de Alencar, Álvares de Azevedo, em "Lira dos Vintes Anos" utiliza das mais belas palavras para aguçar o prazer e o desejo, na idealização da figura feminina, onde fica explícito que a personagem feminina era vista por sua aparência e modelo de personificação idealizada, na visão masculina.

*O pobre leito meu, desfeito ainda
A febre aponta da noturna insônia.
Aqui languido à noite debati-me
Em vão delírios anelando um beijo...
E a donzela ideal nos róseos lábios,
No doce berço do moreno seio
Minha vida embalou estremecendo...
Foram sonhos, contudo. A minha vida
Se esgota em ilusões. E quando a fada
Que diviniza meu pensar ardente
Um instante em seus braços me descansa
E roça a medo em meus ardentes lábios
Um beijo que de amor me turva os olhos,
Me ateia o sangue, me enlanguesce a fronte,
O encanto do meu sonho se evapora
E as nuvens de nácar da ventura
Rolo tremendo à solidão da vida!
(AZEVEDO, p.132)*

No romance "O cortiço", Aluísio de Azevedo, com nítido machismo, destaca as mais diferentes características das personagens femininas, demonstrando degradação e desvalorização, difamações atribuídas deixando as personagens femininas as margens da sociedade.

"Algumas lavadeiras enchiam já as latas e as bacias; outras estendiam a roupa que tinha ficado de molho. A primeira que se pôs a lavar foi a Leandra, a "Machona". Era uma portuguesa feroz, gritona, peluda e forte. Tinha duas filhas. Uma era Ana das Dores, casada e separada do marido, a "das Dores", a outra era moça virgem ainda, a Neném. E tinha mais um filho, o Agostinho, menino levado dos diabos, que gritava tanto ou melhor que a

mãe. Ninguém ali sabia ao certo se a Machona era viúva ou desquitada; os filhos não eram parecidos.

Ao lado da Leandra, na bacia, ficava a Augusta "carne-mole", uma brasileira, branca, mulher de Alexandre, um mulato de quarenta anos, soldado da polícia, de bigodão preto, sempre bem barbeado e bem vestido, de calças brancas engomadas e botões limpos na farda, quando estava de serviço.

Junto com Leandra e Augusta, veio trabalhar a Leocádia, mulher de um ferreiro chamado Bruno. Com elas estava também a Paula, uma cabocla velha, meio idiota, benzedeira. Era extremamente feia, grossa, triste, com olhos de louca. Era chamada de "Bruxa". Também entre as lavadeiras estavam. Marciana e a filha Florinda.

Tinha ainda a Dona Isabel, respeitada no cortiço por ter modos e maneiras de pessoa fina. Isabel tinha sido casada com o dono de uma casa de chapéus. Quando a casa faliu, o marido de Dona Isabel se suicidou, deixando uma filha muito doentinha e fraca. Isabel sacrificou tudo para educar a menina. Do passado, só ficou uma caixa de rapé feita de ouro.

A filha de Dona Isabel, Pombinha, era a flor do cortiço. Pombinha era bonita, loura, muito branca, com modos de menina de boa família, mas também muito nervosa. "

(AZEVEDO, p,18).

Em o cortiço, as figuras femininas foram tachadas, como "Machona", "Carne-mole", "Bruxa", "Idiota", "olhos de Louca", entre tantos outros, reforçando que na literatura a personagem feminina aparecia, muitas vezes, com muito desdenho e preconceito, reforçando suas mazelas e tirando o direito de qualquer possibilidade de dignidade pelos olhares masculinos de escritor e de leitor.

No tópico seguinte, através da literatura escrita por mulheres, as representações impostas por visões masculinas foram sendo moldadas, abolindo-as descrições de mulher sensual, a escrava, a animalidade e falta de inteligência, inclusive, segundo a obra de Aluísio de Azevedo em o Cortiço por exemplo com a personagem Rita Baiana.

2.3 A MULHER ESCRITORA NO CENÁRIO LITERÁRIO

De maneira geral, as reivindicações dos direitos da mulher têm peso a partir do século XVIII, com o advento do Iluminismo e da Revolução Francesa,

época das primeiras obras de caráter feminista, escritas por mulheres como as inglesas Mary Wortley Montagu (1689-1762) e Mary Wollstonecraft (1759-1797).

A mulher quando adentrou como escritora, logo foi taxada como masculinizada, tentando se igualar ao homem. Para publicar sua escrita se obrigava a utilizar pseudônimos masculinos, para obter um reconhecimento e para que alguém pudessem sentir algum interesse por suas obras, ou seja, por sua escrita em jornais, poesias e literaturas. Dentro deste patamar, no Brasil aponta-se Francisca Julia da Silva Muster, a primeira a marcar presença na literatura como autora, porém utilizando de um pseudônimo masculino para introduzir suas obras, já que as de origem feminina seriam rapidamente descartadas, assim se tornando a única do poeta do Brasil a fazer poesias com riqueza no período literário nomeado de parnasianismo.

Suspeitavam que se tratasse de um pseudônimo de algum poeta já conhecido e respeitado, mas jamais que as poesias poderiam ter sido escritas por uma mulher, demonstrando, assim, as marcas da misoginia e do desmerecimento ao qual o sexo feminino estava submetido. (Borges, 2017, p.03)

De acordo com Borges (2017, p.03) a poeta Francisca Júlia nasceu em Xiririca, no dia 31 de agosto de 1871, cidade hoje chamada de Eldorado, localizada no Estado de São Paulo. Filha do advogado Miguel Luso da Silva e da professora Cecília Isabel da Silva, Francisca cresceu em um ambiente propício à leitura e aos estudos. Além de ler francês e conhecer diversas obras literárias, ela começou a escrever desde os 14 anos; primeiramente, publicou em jornais e revistas, mais tarde, a partir de 1895, lançou seus livros.

Foi ainda muito jovem que essa escritora se inseriu no universo literário. Ela teve presença marcante no âmbito literário oitocentista, sendo uma das precursoras da inserção da mulher nos espaços intelectuais. Francisca Júlia ultrapassou as demarcações femininas daquele período e habitou em um universo onde a figura masculina era predominante. Vale destacar que a escritora conquistou respeito e admiração de diversos poetas e críticos literários no cenário patriarcal e misógino do século XIX, quando se oferecia às mulheres apenas o espaço doméstico”.

O autor supracitado ressalta que Francisca Júlia conquistou reconhecimento, se destacando e se tornando a primeira mulher autora a marcar presença na literatura como autora, porém utilizava de pseudônimo de Raimundo Correa, apesar seu trabalho ser reconhecido e muito bem elaborado, daquele período demoraram a acreditar que realmente fosse de autoria feminina.

A escritora inicia com seu primeiro livro de poesia, Mármore, publicado em 1895. Escreveu obras poéticas para crianças, como Livro da Infância (1899) e Alma Infantil (1912). Sua capacidade ainda foi cogitada, devido os olhares discriminatórios dos homens e suas questões de superioridade, tentando lhe atrapalhar, porém em 1904, tornou-se membro efetivo do Comitê Central Brasileiro da Sociedade Internacional Elleno-Latina, de Roma, mostrando a sociedade sua eloquência no assunto. Em 1961 foi publicada sua antologia póstuma Poesias.

As obras de Francisca Júlia se tornaram umas das mais significativas do Parnasianismo brasileiro, tornando-se um marco para as mulheres no meio literário, no entanto em 1909, se casou dedicou-se apenas a sua vida privada deixando de lado sua paixão pela literatura, mas sua participação serviu de impulso para as demais mulheres que adentraram na literatura em busca de espaço.

Silva (2013) esclarece que somente na metade do século XX, as mulheres começaram a ter acesso à Educação, fazendo assim com que acendesse o surgimento da Onda feminina, havendo a introdução de estudos femininos na maioria das instituições de Ensino Superior, tornando maciça a produção de obras de autoria feminina. Diante de tal desvalorização, as mulheres conseguiram conquistar seu espaço nas letras.

A escrita feminina, por ter sempre um olhar masculino “superior”, sendo os mesmos manipuladores das representações da imagem feminina e na tradição literária, assim, fazendo com que seja gerado um rótulo facilitando a limitação e capacidade da escrita da mulher dentro da literatura. Hollanda (2017) ressalta que a visão masculina fere a escrita e a mulher com seus estigmas.

[...] a repetição e reprodução dos pressupostos mitológicos da crítica literária tradicional, geralmente masculina, ao identificar a escrita feminina com a “sensibilidade contemplativa”, a “linguagem imaginativa” etc.[...], que de diversas formas foram silenciados ou excluídos da história da literatura. Nesse impulso, começa-se a repensar a legitimidade daquilo que é considerado literário ou não literário, e a questionar os paradigmas de um essencialismo e de um universalismo que de certa forma determinam os critérios estéticos tradicionais e as estratégias interpretativas da crítica literária. (HOLLANDA, 2017, p.3)

A escrita feminina na visão masculina, é demonstrada de maneira simbólica, fazendo com que não haja efeito dentro das visões da crítica exigida, diferenciando-se dos padrões e sendo excluída. Romanelli (2014) informa que ao longo do tempo, as escritoras mulheres foram sistematicamente excluídas do cânone literário, pois são poucas as representações de mulheres escritoras no meu literário. O autor deixa ressaltado que apesar de mulheres possuírem capacidade dentro do meio literário, são poucas as que conseguiam espaço, com representatividade ainda e muito baixa comparada aos escritores masculinos.

Segundo Silva (2013, p. 55) que as mulheres sempre tiveram capacidade de produzir tanto quanto os homens, no entanto, permaneceram ocultas por muito tempo, porque os homens criavam uma delimitação para impedir qualquer participação feminina em decisões que estes alegavam ser exclusivos a homens, dando vista que a pouca divulgação da escrita e de obras com autoras femininas estavam sendo barradas, pelo público masculino que possuía poderes dentro da sociedade, privando as mulheres de inserir seus anseios por meio da escrita.

Assim como para adentrar e ser personagem da história, ao tentar ser escritora as classes femininas também deveriam lutar, pois o que antes já não era bem vista na sociedade e literatura, ganhar esse espaço na produção, seria um grande marco, porém o poder masculino ainda intervinha, e conseguia barrar dificultando, no entanto não seria o fim pois os conventos foram o alicerce para esses novos caminhos.

Ser o outro, o excluído, o estranho é próprio da mulher que quer penetrar no “sério” mundo acadêmico ou literário. Não se pode ignorar que, por motivos mitológicos, antropológicos, sociológicos e históricos, a mulher foi excluída do mundo da escrita – só podendo introduzir seu nome na história europeia por assim dizer através de

arestas e frestas que conseguiu abrir através de seu aprendizado de ler e escrever em conventos (CÂNDIDO, 1972, p. 805)

. A literatura feminina começa a influenciar e abrir novos horizontes para as mulheres na sociedade, indagando anseios que vão além do lar, instigado para sua cidadania, oportunizando papel social, espaço e direitos.

A literatura de autoria feminina, tem se revelado um campo profícuo, porém, dela ainda é requerida afirmação plena no inferior da literatura universal. Visibilidade de tal produção revela aspectos de uma intimidade preservada ao longo dos séculos da história e propicia a insurgência de um vivido, marcado pelo recato, pelo segredo, pela sutileza ou, mesmo, por um cotidiano enredado em obediência, submissão, acomodação, resistência e/ou afirmação. Na natureza representativa da literatura, está o seu modo de ser, de existir, dependente de sua função tanto artística como social em seu caráter documental. (TEIXEIRA apud, DUARTE 2009)

A literatura feminina já ganhava um pequeno espaço, porém as mulheres visionavam algo maior, pois elas desejam que fossem retirada a imagem que eram descritas durante ao longo de sua história, e que fossem registradas as suas visões, que as representações sexistas e machistas viessem a cair.

As opressões sofridas a tempo queriam ser sanadas, e essas mulheres, estavam dispostas a assumir papéis na sociedade para interromper esse quadro de injustiça, fazendo com que as negras obtivessem liberdade e voz ativa, na interação com a sociedade, e a sua própria autonomia sem apadrinhamentos ou senhor que lhe obrigava a ser ordens.

Com essas propostas as mulheres negras utilizaram da literatura para alavancar suas ideias, e por meio dessas falas e letras as mulheres negras, segundo Nogueira (2016, p.4). Com isso às poucas essas mulheres vão se apresentando por suas próprias mãos e rompem com os estereótipos literários que erram atribuídos a elas na história e tradição da literatura brasileira.

[...]e pelas vozes emudecidas de Maria Firmina dos Reis, Conceição Evaristo e Carolina Maria de Jesus. Para vencer as barreiras de gênero e da cor, que vão além de "sexo frágil", essas mulheres negras optaram pela escrita e produziram sua própria literatura lírica, que relevam as subjetividades desse segmento social. A escrita da mulher (escrita feminina) já traduz por si só um significado particular, nesse contexto essa mesma escrita assume conotações de

gêneros sobre mulheres brancas e negras, da escrita feminina e negra (MONTEIRO, 2016, p.1)

Enfatizando a produção literária feminina brasileira, conforme Fischer & Pedroso (2017) “Maria Firmina dos Reis foi uma das pioneiras, uma jovem maranhense, negra, professora e de origem humilde, tomou a pena para escrever um romance de grande interesse, em vários sentidos e direções: em 1859 saía a primeira edição de *Úrsula*, que estampava, em lugar do nome da autora, o genérico “Uma maranhense”. Poucos críticos e historiadores registraram o caso, e a posteridade não o conheceu a não ser mais de um século depois do lançamento – um exemplar do romance foi descoberto em 1962, e com ele se preparou uma edição fac-similar que sairia em 1975., romance escrito por uma mulher, e uma mulher negra; é o primeiro romance abolicionista brasileiro”.

No Brasil em a Associação Brasileira de Letras (ABL) segundo Romanelli (2014, p, 17) foi inaugurada oficialmente em 20 de julho de 1897, com sessão realizada em uma sala do museu Peagogium, na Rua do Passeio, no Centro da cidade do Rio de Janeiro. Mas, antes mesmo de sua inauguração uma mulher já tinha sido barrada e excluída, Julia Lopes de Almeida, substituída pelo seu esposo. Foi necessário um marco para que as mulheres escritoras obtivessem espaço e reconhecimento, ou seja, somente através de movimentos feminista para que essas escritoras.

No século XX, essa consciência é mais palpável, pois o próprio mundo, a própria sociedade, começa a discutir a condição da mulher em várias esferas, como a política (com a luta pelo direito ao voto), a trabalhista (com o ingresso maciço das mulheres no mercado de trabalho), a pedagógica (com a valorização da atuação da mulher no campo da educação), entre outras. A mulher (ou, mais tarde, as mulheres) passa a ser o foco temático e isso facilita sua ação no campo das artes e da literatura. (RAMALHO, 2011, p. 26)

De acordo com Souza (2005, p.14), então, no Brasil, a inclusão difusão da escrita literária feminina veio acontecer somente na Semana da Arte moderna de 1922, alicerce para as classes femininas produtoras de literatura, quando mulheres começaram a participar ativamente da cultura e política

brasileira, destacando-se na Literatura as escritoras Clarice Lispector, Cecília Meirelles e Raquel de Queiroz.

2.4 CHICK LIT: UM GÊNERO DA LITERATURA FEMININA

A divulgação e disseminação da escrita propriamente feminina veio ao encontro dos anseios femininos e mostrou que havia em todos os lugares uma insatisfação que necessitava ser sanada. Nesse sentido, a Literatura feminina possibilitou experiência de leitura, que não se dedicava a simplesmente apresentar a sensibilidade amorosa e sentimental feminina, mas também a fornecer possibilidade de reivindicação social.

O vigor quantitativo e qualitativo destas formas "excluídas" mostra o caráter de absoluta relatividade das noções institucionais referentes à categorização dos gêneros literários. Um dos efeitos mais decisivos do questionamento do cânone literário tradicional foi o resgate dos "gêneros menores" e das formas e redes de associação intelectual das mulheres, que sintomaticamente abrigaram a maior parte da escrita e da reflexão femininas. (HOLLANDA, 2017, p.01)

A escrita feminina foi passando por mudanças com novos gêneros literários aparecendo, mais corriqueiros, não no sentido pejorativo, enfatizando a realidade das mulheres e, um dos novos gêneros denomina-se chick lit.

[...]as classifica de acordo com a peculiaridade de cada narrativa, optando por utilizar nomes femininos para dar vida e nome a suas classes literárias. Todos os romances da linha têm em comum a característica romântica, porém cada série tem identidade e perfil específicos. (SOUZA,2013, p. 29)

Segundo Campello (2013) o termo chick lit vem da língua inglesa e não possui tradução para o português. Nasceu nos anos 90 como um neologismo de *chicrati- Chick*, uma gíria direcionada ao um grupo mulheres escritoras de histórias dirigidas à mulher moderna, no qual Lit é abreviação de literatura, com a fusão Chick- Lit se tornou um gênero para a literatura feminina. Austen, escritora inglesa, é conhecida pela ironia que utiliza para descrever seus personagens, pela a inocência das suas obras que podem ser interpretadas de várias maneiras, é considerada ícone da literatura feminina do século XIX.

De acordo com autora, em 1995, Chris Mazza e Jeffrey DeShell utilizaram o termo de maneira irônica para escrever a antologia "Chick Lit Postfeminist Fiction" Literatura pós-feminista. Esclarece Wright (2000) que o termo pós-feminismo, usado pela primeira vez na década de 1980, descreve uma série de pontos de vista em reação ao feminismo, utilizado na atualidade como rótulo para diversas teorias que analisam de maneira crítica os discursos feministas anteriores.

O termo passou a ser usado pelas editoras para identificar esse novo gênero literário, inaugurado e divulgado por meio do livro *O Diário de Bridget Jones*, 1996, da autora britânica Helen Fielding, sucesso mundial. Segundo Williams (2006,) a personagem protagonista do referido livro admite seus erros em um diário como exageros com o cigarro, bebida e chocolate, suas conclusões erradas, confessando ali todos os dias os seus pecados. Para a pesquisadora, a personagem e questão "é uma heroína diferente – ingênua, romântica, desajeitada, gorducha (mas não muito) – com a qual as leitoras podem rir sem se sentir inferiores" (WILLIAMS 2006 p. 158).

O gênero chick lit, qual faz parte de um tipo de Literatura que, superficialmente, se poderia definir como simplesmente voltada para o entretenimento, ou seja, cujo o principal objetivo é divertir, porém é bem mais que isso, pois, a partir do momento em que as mulheres penetraram na Literatura colocaram em si e de si suas reivindicações, abordando e relatando suas histórias, algumas com o tempero do humor, trazendo opiniões e direitos de equidade, não somente para a mulher mas também para o homem, na perspectiva de ver os gêneros em um mesmo patamar.

Este gênero de estudos tem permanecido insatisfatório, ou ao menos incompleto, devido à falta de um sistema coerente de referência, isto é um conjunto de formulações e conceitos que permitam limitar objetivamente o campo de análise e escapar, tanto quanto possível, ao arbítrio dos pontos de vista. (MELLO & SOUZA, 2000, p.17)

Porém e infelizmente, Chick lit é visto como "literatura de mulherzinha", sofrendo olhares preconceituosos, recebendo da Crítica, constantemente, o apontar para um público sem proficiência, melancólico, fútil, inferior e superficial.

'Chick-Lit é um gênero de ficção e romance. Esse é um nome oriundo da junção de "Chick", uma gíria norte-americana para "mulher jovem", e "lit", encurtamento para "literature". Este termo é análogo ao termo "Chick Flick", usado para designar filmes que falam sobre amor e romance e que têm grande sucesso entre o público feminino (principalmente adolescente), sendo vulgarmente conhecido como "Literatura de Mulherzinha. (SOUZA,2013, p. 25).

Steffens (2012) esclarece que Chick-Lit, essa literatura voltada para o sexo feminino, vulgarmente chamada de Literatura de Mulherzinha "a despeito de todas as críticas, **Chick-Lits** são romances leves, divertidos e charmosos, que são o retrato da mulher moderna, independente, culta e audaciosa". Com sua linguagem moderna e bastante verossímil, a escrita chick lit desperta nas jovens um interesse pela possibilidade de identificação, primeiramente, pelo fato de as protagonistas do gênero estão na faixa etária de que vai dos 15 aos 30 anos, mas esses livros também colocam em foco a família, aspectos da vida profissional da mulher na modernidade, dúvidas, inquietações, desejos, vícios e manias, enfim inúmeros dilemas presentes no mundo contemporâneo.

São basicamente livros escritos sobre mulheres, para mulheres e normalmente por mulheres. A idade dos personagens principais não importa, podem ser garotas do ensino médio até cinquentonas, suas histórias normalmente são bem-humoradas e relatam o dia-a-dia da mulher moderna, sua rotina tripla, seus problemas amorosos, de peso, no trabalho, no namoro, no casamento, no divórcio. Enfim, mil e uma opções! (STEFFENS, 2012).

Neste gênero, também são difundidos, ressalta-se, discriminações, distúrbios emocionais, problemas psicológicos, dependências químicas, a dor da perda, entre outras temáticas comuns no universo pós-moderno, e, a relação com a família ou amigos pode ser tão importante quanto seus relacionamentos românticos.

Segundo Diogo (2013) Chick Lit é um gênero que ainda está em fase de crescimento no Brasil, mas em outros países, já é bem divulgado e possui um público bem grande. Sendo literatura onde o público é dominado por mulher, o sofre muito preconceito e é julgado constantemente como literatura de mulherzinha. Porém são romances divertidos, leves e charmosos, que consegue retratar a mulher moderna, independente, culta e audaciosa.

A linha é bastante tênue, muitas vezes eles se confundem e se fundem. Entretanto o Chick-Lit é contado num tom mais confiante. É quase como se fosse contado pela sua melhor amiga, que te entende e na qual você se identifica. Outro traço marcante (que os difere das outras ficções para mulheres) é o humor. Chick-Lit que é Chick-Lit brinca e estraçalha ironicamente com seus problemas diários e suas inseguranças mais íntimas. São relatos do mundo moderno na qual você se pode se relacionar. (STEFFENS,2012).

O gênero literário Chick-lit procura abordar temas femininos, mas deixando de lado a mulher frágil e indecisa, presa em um mundo de fantasia e contos de fadas, mostrando o lado opinioso, guerreiro, as dificuldades encontradas, os dilemas do cotidiano, os encontros e desencontros, enfim, a rotina de uma mulher moderna e instigadora.

Ressalta-se que os distúrbios emocionais, os problemas psicológicos, as dependências químicas, a dor da perda, entre outras temáticas comuns no universo pós-moderno, a relação com a família ou amigos pode ser tão importante quanto seus relacionamentos românticos. Portanto, compreende-se partindo de Diogo (2013) movimentos socialistas, feministas e os estudos culturais presentes no cenário contemporâneo, possibilitaram o desenvolvimento de novas teorias, permitindo, assim, a expansão de gêneros até então marginalizados, como no caso por meio do gênero literário Chick lit.

O crescimento desse gênero pode ser interpretado como uma expressão da contemporaneidade. A mulher moderna, que está constantemente reorganizando seu tempo devido ao acúmulo de funções e à importância do seu papel na sociedade, busca nessa leitura um momento de lazer e distração, no qual ela possa se identificar e se divertir com a narrativa e os personagens. (DIOGO,2013, p. 67)

A Literatura na vida da mulher expressa tudo que ela sofreu para conquistar os seus direitos. Ter um gênero voltado somente para elas é um marco grande para essas vitoriosas. Chick lit vai além de histórias de ficção pois remete ao mais íntimo e cotidiano, trabalhando o universo feminino, além de transparecer o poder da mulher na sociedade, capaz de exercer qualquer, função ou cargo, a mulher multifuncional que constrói família, que se casa ou não casa, seu poder de escolha e decisão sem pressão e obrigação.

2.5 SUBGÊNEROS DO CHICK – LIT

Segundo Souza (2013, p. 28) o gênero é bastante organizado, podendo ser dividido em uma série de subgêneros bem específicos e dentro desses subgêneros ainda existem outras ramificações, na qual é perceptível a predominância do universo e imaginário feminino, dos quais seguem as referidas denominações e características próprias:

1-Teen Chick-Lit: Relata problemas de meninas adolescentes. Um dos mais difundidos no Brasil. Grande poder de identificação personagem/leitor.

2- Working Girl Lit: Personagens buscam carreiras e estabilidade financeira. Problemas com chefes. Deixam o lado de dona de casa e mãe de família.

3- Wedding Lit: histórias de casamentos. É subdividido em outras categorias, como: **Wedding/Marriage Lit**, planejamento de um casamento, e, em **Bridesmaid Lit**, trazem o ponto de vista da melhor amiga da noiva; mostrando através do olhar feminino o tão sonhado casamento e as perspectivas.

5- Mom Lit.: Histórias voltadas para a temática da maternidade. Pode ser subdividido em categorias como: **Pregnancy Lit**, com histórias que se passam durante o período da gestação e parto e **Baby Lit**, que apresentam personagens lidando com a criação de seus bebês e crianças; fazendo com que a gravidez seja demonstrada por pessoas que estão passando por aquele momento ou planejam ter uma experiência.

6- Hen Lit: retratam a vida de mulheres um pouco mais velhas do que a maioria das protagonistas do gênero.

7- Famous Lit: os personagens são famosos.

8-Bigger Girl Lit: revela o mundo das garotas que estão um pouco (ou bastante) acima do peso, sua vida amorosa, sua relação com o trabalho, a família, e principalmente sua autoestima.

9- Single City Girl Lit: Histórias ambientadas em uma cidade grande.

10-Glamour Lit: histórias que envolvem personagens muito ricos, normalmente ligados à indústria do entretenimento. Esse é um dos subgêneros mais conhecidos e lidos, ele pode ser subdividido em: **Gossip Lit**.

trata de fofocas, esnobismos e traições, e *Glamorous Career Lit*: as protagonistas têm carreiras ligadas a moda, cinema, televisão ou ao mundo editorial.

11- *Ethnic Chick-Lit*: Traz histórias centradas em diferenças socioculturais de várias etnias e religiões.

12-*Mystery Lit ou Thriller Chick-Lit*: Livros de mulheres resolvendo assassinatos, driblando o perigo;

13-*Fantasy Lit*: pode ser sobre fadas, viajantes no tempo, bruxas, paranormais, vampiros ou qualquer outro ser fantástico;

14- *Lad lit*: Geralmente escritos por homens, dentro desse subgênero os personagens principais são do sexo masculino, mas a narrativa e tom das histórias é bem parecido com o adotado no Chick-Lit.

Steffens (2012) afirma que esses subgêneros conseguem abranger uma das grandes realidades das mulheres que buscam espaço na escrita entre outros meios de expressão, mostrando os diversos tópicos que podem ser explorados por suas leitoras através de personagens que condizem com sua realidade e expectativas.

2.6 BLOGOSFERA LITERÁRIA e AUTORAS DOCHICK-LIT EM DESTAQUE

Antes de se apresentar as escritoras em destaque é relevante apontar a importância da blogosfera literária no percurso de constituição de uma escritora independente de Talita Maria de Souza, onde ela ressalta o papel importante das blogueiras na construção de leitoras desse gênero, Souza (2013). Afirma que:

Nas resenhas e comentários, é comum encontrarmos blogueiras que afirmam terem lido incentivadas por resenhas de outros blogs, leitores que já tenham lido outras resenhas, blogueiras que respondem aos comentários de seus leitores e blogueiras comentando em outros blogs. Disso podemos perceber que esses blogs geralmente estão conectados entre si e que os leitores também participam dessa conexão, o que reforça a noção de que todos formam uma grande rede de informação e interação, a chamada blogosfera literária. Diante de todos os dados levantados, podemos traçar um breve perfil dessa comunidade. (SOUZA,2013;42)

Entrando em conformidade, de acordo com Zago (2010), “os blogs são veículos de publicação digital, comumente associado à ideia de diários virtuais, nos quais um ou mais autores publicam textos, geralmente sobre uma temática específica, em ordem cronológica”. Sua simplicidade fez com que a rede crescesse cada dia mais, e atualmente, conta com mais de 112 milhões de usuários fora os 120 mil que surgem a cada dia.

Conforme Zago (2010) a palavra blog é uma versão reduzida da palavra “weblog”. “Web” vem de World Wide Web (rede de alcance mundial). O termo é utilizado para se referir à um espaço na internet que circulam vários tipos de textos, uma plataforma de informações. Já “log” vem da prática de se utilizar um bloco de madeira para marcar a velocidade dos navios. O termo foi apropriado pela informática para se referir à gravação sistemática de informações sobre o processamento de determinados dados.

O termo ‘weblog’ foi criado no dia 17 de dezembro de 1997, por Jorn Barger. A abreviação ‘blog’ teria surgido apenas em maio de 1999, quando Peter Merholz decidiu passar a pronunciar weblog como ‘wee-blog’, ou apenas ‘blog’. O blog mais antigo ainda na ativa é o Scripting News, de Dave Winer – no ar desde abril de 1997.

Segundo Zago (2010), foi em 1999 que se começou a listar-se sites que se comparassem a ideia de blog. A partir de então, o crescimento da rede foi ganhando mais impulso, ainda mais com a criação de uma ferramenta que permitia a criação do mesmo gratuitamente. Depois disso, os blogs começaram a ser usados como uma espécie de diário virtual como ainda é utilizado atualmente.

Mas, do mesmo modo que essas ferramentas contribuíram para alterar o sentido inicial do blog, elas também foram fundamentais para que surgisse a blogosfera, ou o espaço virtual resultante da união de todos os blogs em uma conversação única. (ZAGO,2010, p.04)

A partir de então, com a existência de vários diários virtuais, um blogueiro começa a citar outro, criando uma blogosfera, um conjunto de pessoas com os mesmos objetivos, escrever conteúdos de interesse de diversos grupos. Um blog pode possuir algumas características peculiares de outro, mas algumas prevalecem.

O blog pode ser descrito como um micro conteúdos de assuntos relevantes que seguem um padrão denominado posts e que são atualizados diariamente. Mesmo sendo definido muitas vezes como um diário virtual. Podem ser de postagens pessoais, repostes de outros blogs, tentativa de ficções, um tipo de revista onde mistura diversos conteúdos, ou simplesmente uma mistura de tudo isso. “Como se vê, trata-se de um fenômeno extremamente complexo. Os weblogs hoje não podem ser, portanto, definidos com base em apenas uma categoria de publicação. (RECUERO, 2003, p.03).

Então, considerando que o blog seja como websites pessoais baseados nos princípios de pequenos textos e atualização frequente, que possuem uma estrutura comum organizada em função do tempo, é importante entender que essas características não são absolutas. Recuero (2003) classifica da seguinte forma:

Diários – São os weblogs que se referenciam principalmente pela vida pessoal do autor. O seu objetivo não é trazer informações ou discuti-las, mas, simplesmente, relatar fatos cotidianos, a vida pessoal ou opiniões gerais do autor.

Publicações – São weblogs que se destinam principalmente a trazer informação de modo opinativo. São informações que são discutidas pelo autor, sempre discutidas e comentadas. Alguns possuem um tema central, outros tratam de generalidades.

Literários – São os weblogs destinados ou a contar uma história ficcional, com personagens criados pelo autor, ou a simplesmente ser um conjunto de crônicas ou poesias com ambições literárias, sem preocupar-se com o relato do cotidiano do autor.

Clippings – São os weblogs que simplesmente destinam-se a ser um apanhado de links ou recortes de outras publicações, com o objetivo de filtrar a informação publicada em outros lugares. Não possuem opiniões e comentários do autor, via de regra.

Publicações Mistas – São aquelas que efetivamente misturam posts pessoais sobre a vida do autor e posts informativos, com notícias, dicas e comentários de acordo com o gosto pessoal.

Como pode-se observar, é um ambiente repleto de informações e conectividade. Uma ferramenta que pode ser usada de diversas formas e

utilizadas tanto para postagens quanto para buscas de acordo com o interesse do leitor, pois, através desse meio, segundo Souza (2013), as escritoras independentes começaram a ganhar maior visibilidade, onde a internet se tornou uma base para esse crescimento e entre escritoras e leitoras que almejavam divulgar as experiências para essas escritoras serem mais conhecidas e assim suas obras ganharem espaço no mercado.

A blogosfera literária é majoritariamente composta por blogs escritos por leitores que compartilham, através da postagem de notícias e resenhas, informações sobre o universo literário e impressões de leituras. O Chick-Lit é bastante divulgado nesse tipo de blog - alguns deles, inclusive, são dedicados exclusivamente ao gênero. A ampla circulação não canônica do gênero e o fato dele não ser levado em conta por grande parte da crítica e dos leitores, colaboram para que as resenhas sejam escritas de maneira mais livre - sem grandes preocupações em seguir as regras do gênero textual - e com um vocabulário bastante coloquial. Dessa forma, as blogueiras acabam ocupando o papel de produtoras de um conhecimento mais acessível, o que as aproxima de seus leitores. (SOUZA, 2013; p. 33).

Como o apoio dos blogs e a interação das blogueiras esse gênero cresce cada vez, as resenhas e conteúdos produzidos para a conversação sobre diversos assuntos e livros que envolve esse gênero, faz com que a divulgação desses livros e escritores ganhem mais reconhecimento.

No Brasil, este gênero recentemente tem se difundido, mas há grande autoras tais como Paula Pimenta, Leila Rego, Bruna Viera e Carina Rissi. **Paula Pimenta** é uma das principais escritoras deste gênero e é uma das mais reconhecidas principalmente pelo público infanto-juvenil, trazendo consigo uma grande responsabilidade por ser uma das difusoras deste gênero.



Imagem: <http://grupoautentica.com.br/img/blog/g/20150528110629.jpg>

A referida autora nasceu em Belo Horizonte (MG). Desde criança apresentou aptidão para a escrita e por esse motivo prestou vestibular para Jornalismo, embora tenha se transferido para Publicidade após dois anos, curso no qual se formou pela PUC Minas. Após a faculdade, morou em Londres, onde estudou Escrita Criativa e escreveu seu primeiro romance.

No Brasil, trabalhou com marketing e como professora de música, até se tornar escritora em tempo integral. Seu primeiro livro, a coletânea de poemas Confissão, foi lançado em 2001, com edição bancada pelo seu pai, mas o sucesso veio apenas em 2008, quando a divulgação boca-a-boca entre os fãs transformou o romance adolescente.

As aventuras da jovem Estefânia Castelino Belluz, a Fani, personagem principal do livro, ganhou três sequências. Juntos, os quatro livros já venderam 500 mil exemplares. A série também já foi publicada na Espanha, em Portugal e toda a América Latina, e ganhou uma versão em quadrinhos, que já conta com dois volumes.

Paula foi escolhida pela revista Época como um dos 100 brasileiros mais influentes em 2012 e em 2014 foi a autora que mais vendeu livros no Brasil,

segundo o ranking da PublishNews. O número de vendas de suas obras ultrapassou a marca de um milhão de exemplares em 2016.

Bruna Viera, segundo Vieira (2013), é blogueira e escritora. Nasceu em 1994 em Leopoldina, interior de Minas Gerais, mas vive em São Paulo desde que decidiu brincar de ser gente grande. Aos 15 anos, criou um blog para superar, por meio da escrita, uma decepção amorosa, e a partir disso viu sua vida mudar.



Imagem: <https://i.ytimg.com/vi/nzixL3G0Q38/maxresdefault.jpg>

Os posts foram tendo enorme sucesso, a audiência cresceu e explodiu, e hoje os acessos já passam dos 10 milhões. Ela se tornou colunista fixa da revista Capricho, na qual escreve a última página, e é seguida por milhares de leitores e fãs pelas redes sociais, em seus perfis no Facebook, no Twitter, no Instagram e no YouTube, onde tem um canal em que compartilha em vídeos suas experiências pelo mundo.

Seus textos foram parar no seu primeiro livro de crônicas e contos, o Depois dos quinze, e na série de ficção. Meu primeiro blog, da qual o volume 1, de volta aos quinze, já foi publicado, ambos pela Gutenberg. No terceiro livro, A menina que colecionava borboletas, Bruna Vieira mostra seu amadurecimento

em mais crônicas, que retratam sua particular e apaixonante maneira de encarar e viver a vida.

Leila Maria Vicente Dias Rego- Segundo Rego (2014) nasceu em junho de 1974, em Cafelândia, Paraná. Aos quatro anos mudou-se com a família para Alta Floresta, Mato Grosso, onde não havia sequer energia elétrica.



Imagem: <https://maracutaialivros.files.wordpress.com/2015/03/188.jpg?w=300&h=225>

Sem televisão, “no meio do nada”, sua infância foi regada de histórias, livros e brincadeiras com os dois irmãos mais velhos. Os primeiros anos de estudo foram numa escola rural da região, na qual a inesquecível professora Gorette dava aula, numa mesma sala, para alunos de séries diferentes.

O desejo de viajar e conhecer outras culturas foi determinante para que, anos mais tarde, optasse pela faculdade de Turismo – cursada em Foz do Iguaçu, Paraná. Entretanto, sua mudança para São Paulo, em 2000, abriu oportunidades em empresas privadas, onde trabalhou por diversos anos na área de Recursos Humanos. Seu incontestável talento para a escrita reencontrou as inúmeras histórias que povoavam desde sempre a sua imaginação e, em 2009, iniciou sua carreira de escritora com um livro independente.

Em 2012, publicou a comédia romântica, **Amigas Imperfeitas**, em 2013, o chick-lit **A Segunda Vez Que Te Amei**, em 2015, **#Partiu Vida Nova**, ambos

pela editora Gutenberg. Atualmente mora em Vinhedo, interior de São Paulo, com seu marido, dois filhos e dois gatos, onde segue escrevendo as deliciosas histórias que adoramos ler”.

Carina Rissi é objeto de estudo desta monografia, será apresentada em resultados e discussões.

3 METODOLOGIA

3.1 TIPO DE PESQUISA

A metodologia utilizada será a pesquisa bibliográfica. De acordo com GIL (2002) A pesquisa bibliográfica é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos.

A pesquisa bibliográfica, como qualquer outra modalidade de pesquisa, desenvolve-se ao longo de uma série de etapas. Seu número, assim como seu encadeamento, depende de muitos fatores, tais como a natureza do problema, o nível de conhecimentos que o pesquisador dispõe sobre o assunto, o grau de precisão que se pretende conferir à pesquisa etc. (GIL, 2002, p. 59)

De acordo com GIL (2002;45) “a principal vantagem da pesquisa bibliográfica reside no fato de permitir ao investigador a cobertura de uma gama de fenômenos muito mais ampla do que aquela que poderia pesquisar diretamente. ” Sendo que a pesquisa bibliográfica possui um leque de opções para o maior desenvolvimento do trabalho realizado, por possui várias obras que fará parte do trabalho desejado.

A pesquisa bibliográfica é fundamental, pois, além de ser autônoma, isto é, independente das outras, serve de base, de alicerce para o fundamento e alcance dos objetivos dos outros tipos de pesquisa. Ela constitui a também constitui a base também das próprias pesquisas descritiva e experimental. (LEITE, 2008, p. 47)

Conforme GIL (2002) a pesquisa bibliografia, deve ser entendida com um processo que envolve várias etapas, sendo desde a escolha do tema, levantamento bibliográfico preliminar para a formulação do problema, elaboração do plano provisório de assunto, busca das fontes, tais elas por meio de internet, livros, artigos, revistas, etc. após a obtenção do material a leitura é

essencial, para elaboração dos fichamentos, sempre obtendo as organizações lógicas do assunto, para maior coerência, e redação do texto.

3.2 OBJETO DE ESTUDO, DE COLETA DE DADOS E DE ANÁLISE

A vida e obras de Carina Rissi, o objeto desse estudo por ser uma escritora bem representativa do gênero *Chick lit*. **PERDIDA: Um Amor que Ultrapassa as Barreiras do Tempo**, pela editora Baraúna, em 2011, é obras analisada.



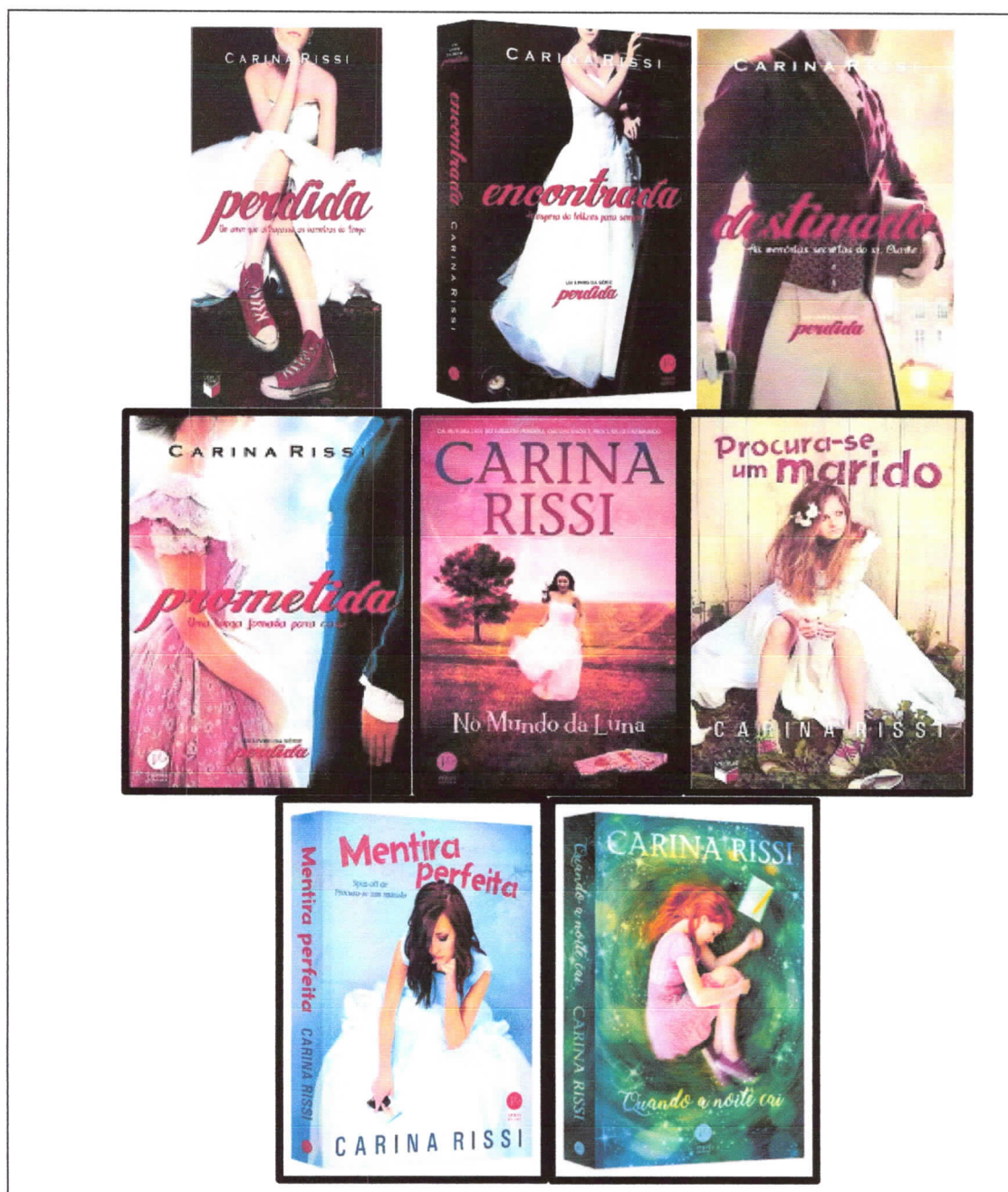
Imagens: <http://carinarissi.com.br/sobre-mim>

Segundo Rissi (2014) Carina Rissi - A autora nascida em Ariranha, filha de Antônio Donizete Rissi e Leonete Godoy Rissi, interior de São Paulo, onde mora atualmente com o marido e a filha, viveram um curto tempo na capital paulista, e recém-formada em jornalismo.

Uma leitora voraz, que sempre lê a última página de um livro antes de comprá-lo e tem fascínio pelo tema de amores impossíveis. Conforme Cabana do leitor "A ideia para escrever seu primeiro livro surgiu de repente, quando ela estava esquentando um pedaço de lasanha no micro-ondas e faltou energia.

Sua mãe lhe aconselhou a colocar a comida em banho maria, mas ela não fazia ideia do que aquilo significava, então começou a imaginar como seria

uma pessoa supermoderna ir parar em um século sem modernidade alguma e, então surgiu “Perdida”, seu primeiro romance Chick lit.



Imagens: <http://carinarissi.com.br/livros>

Suas obras: 1. PERDIDA – Lançado em 2014. 2. ENCONTRADA – Lançado em 2015. 3. DESTINADO – Lançado em 2015. 4. PROMETIDA – Lançado em 2016. 5. NO MUNDO DA LUNA – Lançado em 2015. 6. PROCURA-SE UM MARIDO – Lançado em 2016. 7. MENTIRA PERFEITA – Lançado em 2016. 8. QUANDO A NOITE CAI – Lançado em 2017.

Ressalta Aguiar (2016) Carina nunca imaginou que seria uma autora de sucesso. Desde de criança, sempre demonstrou interesse por literatura tem habito da leitura, e um amor incondicional por Jane Austen e suas obras. Carina nas suas horas vagas se diverte assistindo a comédias românticas ao lado da família e planejando viagens a lugares exóticos onde almeja conhecer mais acredita que será um futuro bem distante, devido ao seu pavor de avião.

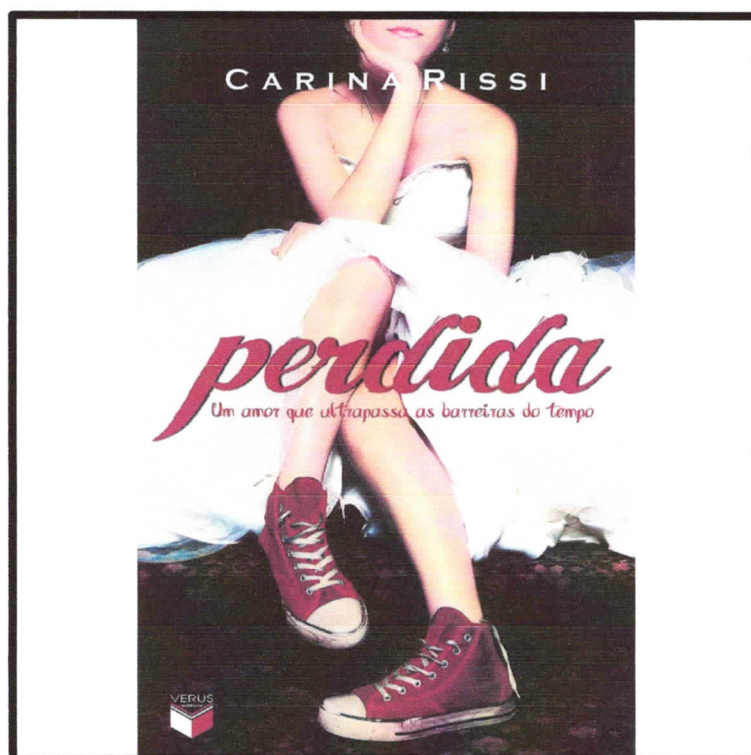
Ganhou visibilidade com o segundo romance, 'Procura-se um Marido', lançado pelo selo Verus, que pertence ao Grupo Editorial Record, um dos maiores do país, e pelo qual o livro Perdida foi reeditado em 2013. Juntas, as duas obras já venderam mais de 26 mil exemplares, segundo a revista Veja, número alto para os padrões do mercado editorial brasileiro. Em um curto período Carina possui um grande número de livros lançados, sendo bem aceito e fazendo com que sua carreira cresça através do gênero.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

4.1 ANALISE TEMÁTICA DO LIVRO "PERDIDA" DE CARINA RISSI

Estarei aprofundando e análise na obra de Carina Rissi "PERDIDA", a escritora nova, que possui um fascínio inexplicável pelo tema amores impossíveis que vê nas obras de Jane Austen uma fonte de inspiração, sendo uma das propulsora desse gênero na América.

Perdida conta a história da jovem Sofia, que é acostumada com modernidade e as facilidades do século XX, sozinha e independente, sempre realista no quesito casamento na qual quer distância a todo custo, e, só acredita que romance só se vê em Literatura de romances de época. Porém, sua vida sai completamente dessa monotonia, traçando novos horizontes através de um retrocesso de século, graças a um celular misterioso.



Capa do livro Perdida. Fonte: <https://www.extra.com.br/>

Caindo no século XIV, torna-se uma estranha com trajes e modos inadequados para uma mulher daquela época, fazendo com que a história de Sofia em perdida, escrita por Carina Rissi, levante uma série de questionamentos sobre coisas que hoje no século XX são normais, mas que em 1830 eram pecaminosas, inadequadas e indecorosas para as mulheres daquele século.

O enredo consegue trazer a visão de uma personagem feminina, da tradição na visão de todos no 1830, de certa forma, contraditória a realidade de Sofia, uma viajante do século XX, tais como vestimenta, vocabulário e postura, sendo questionada a todo momento, principalmente, sobre a questão da mulher neste período ter como objetivo de vida o casamento, ter filhos e cuidar deles e filhos para ser bem vista pela sociedade e obter prestígio. [...] como era costume nos séculos passados mais especificamente até o século XIX (SILVA, 2018, p.01).

Perdida é um livro que se destaca perfeitamente nas características do gênero Chick lit, visto que, a maioria das personagens são mulheres. Em perdida a protagonista é Sofia Alonso, uma jovem de 24 anos de idade, solteira, que se dedica totalmente ao trabalho e sua carreira profissional. Tem vida amorosa, mas sempre colocada em último lugar. O casamento não é para ela uma prioridade, muito menos construir uma família.

Acontece que as mulheres ganharam espaço no mercado de trabalho e foram em busca de emprego e por conseguinte sucesso na carreira. Algumas dessas mulheres tem optado por não ter filhos e trocam a maternidade por diplomas de nível superior. [...] (SILVA,2018, p.01). No entanto, ainda hoje, tem se tornado comum, embora muitos ainda acham que mulheres devem por obrigação se casar e ter filhos, a família tradicional de comercial de margarina, o contrário disso, ainda é visto com maus olhos. Trechos a seguir mostram as características da personagem apontadas:

Perfil da personagem:*Eu tenho vinte e quatro anos, sou solteira (p. 82).*

Vida profissional:*Ela acha que eu não tenho vida, apenas trabalho e mais trabalho, e que nunca vou arrumar um namorado se ficar trancada em casa ou no escritório (p.100).*

Família: Quando meus pais se foram, fiquei sem ninguém. (p.151)

Casamento:*Às vezes, você fala como se casamento fosse uma sentença de morte. / E não era?*

Viver em função de uma única pessoa, como se sua vida só tivesse sentido com ela por perto, acordar e olhar para a mesma pessoa todo santo dia! Sexo com somente uma pessoa pelo resto da vida! Ter que cuidar da casa, do marido, dos filhos, do cachorro, além de trabalhar.... Não era um tipo de sentença de escravidão pelo menos?

Eu não entendia o que levava uma pessoa lúcida a se casar. (p.19)

Filhos: *Meu Deus, Nina! Você está grávida, não está? — Fiquei gelada. Nina cuidando de um bebê! Um bebê que chora e vaza meleca por vários orifícios diferentes. O tempo todo! Se bem que, se ela era capaz de suportar o Rafa com seus quase dois metros resmungando e pedindo coisas o tempo todo, seria capaz de cuidar de um bebê de cinquenta centímetros e que, certamente, reclamaria muito menos. — Não! — Sua voz horrorizada. — Sofia você ficou doida? Eu não estou grávida. — Seus olhos correram em direção ao Rafa para se certificar de que ele não tinha ouvido, e aparentemente ele não ouviu. (p.18).*

Os trechos acima descrevem a personagem com uma visão menos romântica, assumindo papéis e opiniões contrárias ao que estão habituadas normalmente na sociedade sobre as perspectivas de uma mulher.

Perdida é um livro da literatura Chick lit que se encaixa no subgênero ***Fantasy Lit*** que tem com uma de suas características os ***viajantes*** no tempo, visto que a jovem Sofia se transporta para o ano de 1830, através de um celular mágico, adquirido em uma loja, induzido por uma senhora misteriosa, conforme trecho a seguir comprova, conforme observa-se nos trechos:

É um aparelho muito especial – ela continuou. Não desgrudei os olhos da caixa. – Muito especial mesmo! Apenas algumas unidades foram fabricadas. É muito raro!

4.1.1. Momento em que ela se transportada para outro local.

Aos poucos, bem devagar, a luz enfraqueceu e tentei ajustar o foco da minha visão, mas ainda não era capaz de enxergar nada. Alguns minutos se passaram até que eu pudesse me recuperar. Quando finalmente meus olhos voltaram ao normal, pude ver a pedra em que meu pé se enroscou, a grama debaixo do meu corpo e a luz do sol- natural e confortável outra vez.

O que foi aquilo?

O celular devia ter pifado ou algo assim. E por que toda aquela luz? Parecia ter saído dele, mas não poderia ser isso, poderia? Nunca tinha ouvido nada sobre luzes ofuscantes nos novos aparelhos. Talvez ele tivesse entrado em curto.

Ainda no chão, olhei para o celular, que estava apagado outra vez.

Foi então que percebi que algo estava diferente. Muito, muito diferente! Olhei em volta com assombro. Meus olhos procuravam por qualquer coisa familiar. Qualquer coisa que deveria estar ali e não estava! (, p. 28)

4.1.2. Momento em que ela percebe que está no ano de 1830.

Estamos no ano de 1830 e garanto-lhe que sou um homem de bem. Não tenho outra intenção que não seja ajuda-la! Ele respondeu, ofendido, à minha pergunta retórica.

Ele disse 1830? (p. 35).

Os trechos acima confirmam nitidamente que a personagem se torna uma viajante no tempo assim destacando características do subgênero do chick lit.

Silva (2018 p.01) ressalta que as mulheres acabam deixando de lado o casamento para se sentirem seguras no trabalho e para seguir suas carreiras. [...] “boa parte das brasileiras trabalham fora, mais de 50 % do que ao final da década de 60. Casamento e filhos vão sendo empurrados para frente em busca do sucesso profissional.

Essa realização atinge seu pico depois dos 40 anos quando essas mulheres sentem que o momento de serem mães ficou de lado.

Eu mal conseguia pagar minhas contas em dia. Trabalhava naquela empresa desde o estágio da faculdade. Depois que me formei, acabei sendo efetivada e, como não apareceu coisa melhor me acomodei. Além disso, eu tinha um plano: Carlos estava esperando sua aposentadoria e eu tinha grandes chances de substituí-lo. Claro que, antes teria que passar pela aprovação de suportá-lo até que isso acontecesse (p.9).

A personagem demonstra sua situação dentro da empresa, e que mesmo formada não obteve bons frutos, assim como há muitas mulheres que mesmo formadas não conseguem salário de acordo com seu trabalho. Conforme Kometani (2017) a herança cultural machista e a entrada tardia das mulheres no mercado de trabalho, que passaram a buscar condições igualitárias a partir das décadas de 1960 e 1970, estão entre os fatores que contribuíram para a desigualdade salarial, o que se observa no trecho:

[...]. Meu salário era digno de pena e o trabalho parecia não ter fim. Eu tinha que arrumar tempo para fazer um bico... Só não tinha tempo para arrumar mais tempo! (Perdida, 2014, p.15)

No Brasil, mesmo a mulher trabalhando a mesma carga horária do homem, ainda há essa diferença de salário, enfatizando sua supremacia. Além disso, a divisão de trabalhos doméstico, com a casa e filhos não é justa.

Essa disparidade entre os gêneros também pode ser observada na análise da renda da população. Os dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) mostram que a renda média nacional do brasileiro é de R\$ 2.043, mas os homens continuam recebendo mais. Enquanto eles ganham, em média, R\$ 2.251, elas recebem R\$ 1.762 (diferença de R\$ 489). (KOMETANI, 2017, p 01).

A questão de educação dentro do Livro "Perdida" também é trabalhada. No ano de 1830, a educação formal para as meninas ainda não era implantada, restrita apenas aos rapazes, representando um dos direitos masculinos. Os meninos se formariam para exercer cargos e as meninas as lições de lar, bordado, costura e culinária. Destacando no trecho de perdida:

- Mas as mulheres não vão à faculdade! Mesmo na Europa.

- Existem apenas algumas faculdades no país, e a mais próxima fica na cidade. Faz três anos que foi inaugurada.

- *Apenas faculdade para rapazes, não de damas. (p.67)*

Stamatto (2002, p.02) ratifica que “desde a primeira escola de ler e escrever, erguida incipientemente lá pelos idos de 1549, pelos primeiros jesuítas aqui aportados, “a intenção da formação cultural da elite branca e masculina foi nítida na obra jesuítica. As mulheres logo ficaram exclusas do sistema escolar estabelecido na colônia. Assim desde a implantação mulheres não estavam em plano e que sua base era totalmente descartada.

O Autor supracitado aponta que as mulheres tinham uma educação diferenciada onde só podiam, quando muito, educar-se na catequese. Estavam destinadas ao lar, ao casamento e trabalhos domésticos, cantos e orações, controle de pais e maridos. Enfatizando que o homem visava a total dominação e satisfação à esposa adquirida. Educação para as classes femininas só se iniciou no século XIX, segundo Stamatto.

O aumento gradual dos efetivos femininos na rede escolar pública ocorreu durante o século XIX, quando estatisticamente havia uma menina para cada três alunos nas escolas públicas ao final do referido século. A criação das escolas “mistas” regidas por professoras no final do Império, fez aumentar significativamente o contrato de mulheres. Houve a regulamentação da carreira do magistério durante os governos provinciais e o estabelecimento de escolas normais para a formação de professores (as) nas últimas décadas do período imperial, que passaram a ser frequentadas quase que exclusivamente por moças. Houve também a implementação dos grupos escolares, na primeira década do século XX, onde o corpo docente, neste momento, já era predominantemente feminino. (STAMATTO, 2002, p.07)

Após essa inserção na educação formal, o número de mulheres formadas, exercendo cargos no magistério cresceu de maneira significativa, sendo a educação um direito de todos, segundo as novas diretrizes de ensino do século XXI, em 1830 ainda era restrito aos homens.

Quanto as vestimentas, haviam trajas apropriados com descrição total, caso fugisse ao padrão as mulheres eram punidas e julgadas pela sociedade. As mulheres até o vestuário possuíam restrições e punições, conforme Raspanti (2016, p 01). Dentro do livro a personagem cita que mulheres usam calças na sua época, deixando o personagem masculino com quem dialogava, intrigado, abaixo o trecho exemplificando:

Narrei a ele como eram as mulheres em meu tempo. Ele ficou horrorizado ao saber que as mulheres também usavam calças, que dividiam a conta no restaurante, que muitas delas eram as provedoras financeiras de suas casas. (p.290).

Para se ter uma ideia, em 1800, entrava em vigor em Paris uma lei determinando que as mulheres que usassem calças em público podiam ser presas pela polícia". As mulheres só poderiam usar calças caso a polícia autorizasse. O autor supracitado afirma que em 1930, a lei foi aplicada pela última vez, quando o comitê olímpico francês retirou as medalhas da atleta Violette Morris pela sua insistência em usar calças. Em 1892 e em 1909, a lei sofreu emendas que permitiram que as mulheres usassem a peça apenas se estivessem de bicicleta ou a cavalo. Curiosamente, a lei só foi oficialmente derrubada em 2003.

Com a II Guerra Mundial e a necessidade de as mulheres assumirem os postos de trabalho deixados pelos homens, a calça comprida finalmente passou a ser usada pelas cidadãs comuns. A praticidade venceu, aos poucos, o preconceito. Não sem muita gritaria dos mais conservadores, é bom destacar. (RASPANTI, 2016, p 01)

Devido a praticidade e conforto para o trabalho, as mulheres começaram de vez a inserir calças em seus vestuários, mais ainda existia uma grande parte de conservadores que eram contra esse tipo de comportamento. Em 1934, começaram as produções de calças para as mulheres com modelos mais femininos e justos ao corpo, isso através de referências marcas da moda, tais como Coco Chanel, que houve uma maior expansão dessa moda, que antes só existia no guarda roupa masculino.

Temas como abuso sexual e agressão física sofridos pela mulher também são retratados em a Perdida, vivenciados pela protagonista Sofia.

Sua... — não pude ouvir o resto. A pancada em meu rosto fez zumbir meus ouvidos. Fiquei desnorreada por um tempo. Meu rosto ardia e minha cabeça girava desconfortavelmente. Ele se aproveitou disso e tentou baixar o corpete do meu vestido. —Pare! — Gritei, tentando tirar suas mãos de meus seios. — Me solte, seu imbecil!

SOCORRO! IAN! SOCORRO! — Gritei até minha garganta arder. Mas duvidei que ele pudesse me ouvir, o barulho de música e falatório que vinha da sala abafava qualquer outro som. — Cale-se! — Outro zumbido nos ouvidos. Meu rosto latejava, queimava. Eu queimava. De raiva, de desespero, de medo, de vergonha por ter sido enganada e principalmente de nojo. Enganei-me

pensando que ele pudesse me ajudar e ainda acabei dando a impressão de que estava interessada naquele animal! Que imbecil! Senti contra minha coxa a rigidez de seu membro. Fiquei apavorada. Aquilo não podia estar acontecendo! Tentei mover meu joelho para fazer o tradicional golpe na virilha, mas as pernas dele me impediram. Não desisti da luta. Continuei me contorcendo, empurrando e chutando em vão. Sob a luva, a pele do meu punho estava em brasa pela fricção que as mãos de Santiago exerciam enquanto eu tentava me soltar. —Você vai gostar, tenho certeza. Agora fique quieta, — seu rosto transformado numa carranca horrenda. — Me solta! — Empurrei mais uma vez, meus braços já não tinham mais forças. — SAI DE CIMA DE MIM!

O trecho acima demonstra com detalhes o abuso sofrido por uma personagem de ficção, mas retrata também a realidade de grande parte da população feminina no Brasil e no mundo.

Ressalta-se que segundo a Presidência da República, casa civil subchefia para assuntos jurídicos, é caracterizado como crime, e existe leis que amparo às mulheres no Brasil, no intuito de coibir, punir, qualquer tipo de agressão, conforme a lei nº 11.340, de 7 de agosto de 2006.

Art. 1º Esta Lei cria mecanismos para coibir e prevenir a violência doméstica e familiar contra a mulher, nos termos do [§ 8º do art. 226 da Constituição Federal](#), da Convenção sobre a Eliminação de Todas as Formas de Violência contra a Mulher, da Convenção Interamericana para Prevenir, Punir e Erradicar a Violência contra a Mulher e de outros tratados internacionais ratificados pela República Federativa do Brasil; dispõe sobre a criação dos Juizados de Violência Doméstica e Familiar contra a Mulher; e estabelece medidas de assistência e proteção às mulheres em situação de violência doméstica e familiar. (BRASIL, [2006](#).)

Até o primeiro semestre de 2012, foram feitos 47.555 registros de atendimento na Central de Atendimento à Mulher. Durante todo o ano de 2011, foram 74.984 registros, bem inferior aos 108.491 de 2010. O tipo de registro que aparece em maior número é para relatar violência física contra a mulher que pode variar de lesão corporal leve, grave ou gravíssima, tentativa de homicídio e homicídio consumado. Foram 63.838 em 2010, 45.953

em 2011 e 26.939 até julho de 2012. Casos de violência sexual como estupro, exploração sexual e assédio no trabalho aparecem em 5º lugar, com 2.318 casos em 2010, 1.298 em 2011 e 915 em 2018.

III - a violência sexual, entendida como qualquer conduta que a constranja a presenciar, a manter ou a participar de relação sexual não desejada, mediante intimidação, ameaça, coação ou uso da força; que a induza a comercializar ou a utilizar, de qualquer modo, a sua sexualidade, que a impeça de usar qualquer método contraceptivo ou que a force ao matrimônio, à gravidez, ao aborto ou à prostituição, mediante coação, chantagem, suborno ou manipulação; ou que limite ou anule o exercício de seus direitos sexuais e reprodutivos;(BRASIL,2006).

Segundo Santos (2017, p. 01), no site exame, o levantamento do Datafolha apontou que 40% das mulheres acima de 16 anos sofreram algum tipo de assédio, o que inclui receber comentários desrespeitosos nas ruas (20,4 milhões de vítimas), sofrer assédio físico em transporte público (5,2 milhões) e ou ser beijada ou agarrada sem consentimento (2,2 milhões de mulheres).

Levando em conta que os assédios o autor supracitado afirma que os “mais graves aconteceram entre adolescentes e jovens de 16 a 24 anos e entre mulheres negras. Só entre as vítimas de comentários desrespeitosos, 68% eram jovens e 42% mulheres negras. Já em assédio físico em transporte público, 17% eram jovens e 12% negras. (SANTOS 2017, p. 03). O que se percebe é que as jovens são os alvos mais comuns, bem como as mulheres negras tem maior fardo e, o que é mais impressionante, a maioria desses assédios ocorrem em transporte públicos é a população fecha os olhos.

Estupro é um assunto muito delicado e, por isso, falamos dele menos do que deveríamos, pois, a violência envolvendo sexo é um tabu. Além disso reflete-se quanto à cultura do estupro,o que nem é uma novidade por ser a muito tempo abordado pelo feminismo.

Mediante o exposto, é possível atestar que perdida, a obra analisada, faz emergir questões sócias, ou seja, questões que afetam direta ou indiretamente muitos ou todos os membros da sociedade, em específicas, questões relacionadas com à problemáticas que a mulher enfrenta, como os temas encontrados na obra: imposição ou expectativa do casamento a mulher, o direito da mulher à Educação formal, vida profissional e preconceito de gênero.

Também se percebeu que o livro de Carina Rissi, analisando, pode ser encarado com atemporal, não sobre aspectos que dizem respeito roupa ou decoração, que nunca fica fora de moda, o que talvez se esperasse do gênero chick-lit, mas sim no sentido do que não é afetado pelo passar do tempo, ou seja, que faz parte de qualquer época ou tempo, nesse sentido, temas que afetam mulher, tanto em 1830 quanto nos anos 2000.

CONCLUSÃO

O estudo realizado dedicou-se a buscar compreensão quanto ao transcorrer histórico do papel da mulher na sociedade, observando-se que essa foi modelada pelo homem e que suas conquistas foram sempre questionadas, bem como, sua capacidade testada subestimada.

A caracterização da mulher enquanto personagem na Literatura não foi diferente, pois era descrita pelo viés masculino. Como escritora, foi uma longa caminhada na tentativa de emancipação da autoria literária feminina, anseios e apontando para verdades, mudando roteiros e transformando vidas, sempre em busca de sua liberdade e maior participação dentro da sociedade, retirando olhares marginalizadores.

A literatura possui um campo muito vasto de ramificações de estilos e gêneros, como o gênero Chick lit, objeto desse estudo e análise nesse trabalho de conclusão de curso. A literatura Chick lit tem recentemente se difundido na Literatura, conseguindo chamar a atenção do público e da indústria comercial, inclusive bastante rentável, chegando a best-seller. Vem ganhando adeptos e fãs pois o gênero encanta o público feminino por ser próximo da sua realidade, trazendo ao longo da trama verossimilhança com universo feminino.

No Brasil já existem escritoras bastante renomadas que cresceram profissionalmente através da escrita literária, tais como Carina Rissi, autora trazida para essa monografia no intuito de apresentara o gênero, suas particularidades, características e aspectos temáticos. Ressaltou-se também a importância dos blogs para a disseminação das obras dessas, difundindo no meio do público jovem e assim propagando esse gênero contemporâneo da literatura.

A literatura feminina, ou seja, o gênero Chick lit pode-se dizer que é o berço para manifestações, se tornando-se a voz das mulheres contemporâneas, herança das tantas lutas pelas conquistas por espaço e por sua emancipação, inclusive, na Literatura. Esse gêneroliterário conta e reescrevendo a história pela ótica feminina, trazendo temática relevantes e questionando pontos como casamento, educação, trabalho, assedio e direitos. Desta forma, Chick-lit não se trata de "literatura de mulherzinha", sem consistência, sem proficiência de assunto, nem tão fútil e superficial, o que foi demonstrado pela análise temática da obra *Perdida* de Carina Rissi.

REFERENCIAS

AGUIAR, Thais. **Biografia e obras de Carina Rissi.** Disponível em: lovesbooksandcupcakes.com.br/2016/rissi.html. acesso em 02 de janeiro de 2017.

AFONSO, Juliana Neves. **A MULHER NA PUBLICIDADE: um estudo do anúncio da Heineken.** Faculdade de Comunicação da Universidade Federal de Juiz de Fora, 2015.

AZEVEDO, Aluísio, 1857-1913. **O Cortiço** / Aluísio Gonçalves Belo de Azevedo; Adaptado de Fabio Pinto. - Porto Alegre: L&PM, 2009.

AZEVEDO, Álvares de. **Lira dos Vinte Anos.** São Paulo : Ciranda Cultural, 2009.

BONNICI, Thomas. **O Pós-Colonialismo e a Literatura: Estratégias de Leitura.** 2 ed. – Maringá – PR: Eduem, 2012.

BORGES, Jaqueline Ferreira, **A Literatura De Francisca Júlia: Questões De Autoria Feminina.** Mestranda em Estudos Literários pela Universidade Federal de Uberlândia. Uberlândia (MG), Brasil. Seminário Internacional Fazendo Gênero 11& 13thWomen's Worlds Congress (Anais Eletrônicos), Florianópolis, 2017, ISSN 2179-510X.

CAMPELLO, Eliane. **Cinquenta Tons: It's a Love Story!.** Pelotas. Universidade Católica de Pelotas. 2013

CANTELE, Bruna R. **História Dinâmica do Brasil.** São Paulo: IBEP, 1996. CARNEIRO, Ana Paula Lima. **A representação da figura feminina em "A dama das camélias de Alexandre Dumas Filho e Lucíola" de José de Alencar uma análise comparativa.** Universidade Estadual da Paraíba. 2013

CUNHA, Carolina. **Chick lit. Saraiva conteúdo.** Disponível em <http://www.editorasaraiva.com.br/> 2011. Acesso em julho de 2017.

DIOGO, Julia Esteves Fernandes; 2014. **CHICK LIT: A Literatura da Mulher Moderna.**

FISCHER E PEDROSO, **A história e a escrita de Maria Firmina dos reis, uma pioneira.** Luiz Augusto Fischer professor de UFRGS, Escritor, Roberta Flores Pedroso professora, mestra em literatura brasileira pela UFRGS. Artigo, 2017.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 4 ed. São Paulo, 2002

HOLLANDA, Heloisa Buarque de. **Os estudos sobre mulher e literatura no Brasil: Uma primeira abordagem.** Artigos, Literatura, Relações de gênero <https://www.heloisabuarquedehollanda.com.br/os-estudos-sobre-mulher-e-literatura-no-brasil-uma-primeira-abordagem-9/> (Acesso em 14 de fevereiro de 2018).

KAUSS, Vera Lúcia. PERUZZO, Adreana. **A Inserção Da Mulher Indígena Brasileira Na Sociedade Contemporânea Através Da Literatura.** UNIGRANRIO – Universidade do Grande Rio, 2012

KOMETANI, Pâmela. **Mulheres ganham menos do que os homens em todos os cargos.** Artigo 2017, <https://g1.globo.com/economia/concursos-e-emprego/noticia/mulheres-ganham-menos-do-que-os-homens-em-todos-os-cargos-diz-pesquisa.ghtml>. (Acesso em 22 de março de 2018).

LEITE, Francisco Tarciso. **Metodologia científica: métodos e técnicas de pesquisa: monografia, dissertações teses e livros** – Aparecida-SP: Ideias&Letras, 2008.

LIEBEL, Silvia, **Demonização Da Mulher - A Construção Do Discurso Misógino No Malles Maleficarum,** Monografia Do Curso De História, Setor De Ciências Humanas, Letras E Artes Da UFPR, Curitiba, 2004.

MELLO & SOUZA, Antônio Candido. **Literatura e sociedade: estudos de teoria e história literária** – 8ª ed – São Paulo. T. A. Queiroz, 2000.

MONTEIRO, Liliâne Nogueira. **A representação da mulher negra na literatura.** Graduada em história licenciatura pela universidade federal do Acre - UFAC. 2016

MOTTA, Carlos Eduardo Varella Pinheiro. **Movimentos Culturais do Trovadorismo.** 2013. Disponível em: <<https://www.infoescola.com/movimentos-cultuarais-do-trovadorismo>> Acesso em: 22 de março de 2018.

OLIVEIRA, Graciele Barauce de. **Iracema: A virgem dos lábio de mel.** Curitiba – PR, Universidade Tuiuti Do Paraná, 2009.

PIMENTA, Paula. **Paula Pimenta.** 2015. Disponível em: <https://grupoautentica.com.br/gutenberg/autor/paula-pimenta/1016>. Acesso em: 12 de fev de 2018.

POTIGUARA, Eliane. **Metade Cara, Metade Máscara**. São Paulo: Global, 2004

RASPANTI, Márcia Pinna. A calça comprida e a emancipação feminina. Historiadora e jornalista. Disponível em: <<http://historiahoje.com/a-calca-comprida-e-a-emancipacao-feminina/>> Acesso em: 22 de mar de 2018.

RECUERO, Raquel. **Warblogs: Os weblogs, o jornalismo online e a guerra do Iraque**. Verso e Reverso, São Leopoldo, n. 37, p. 57-76, 2003.

REGO, Leila. **Leila Rego, Biografia**. 2014. Disponível em: <<http://www.leilarego.com.br/biografia/>> Acesso em: 12 de fev de 2018.

RISSI, Carina, **Carina Rissi sobre mim**. 2014. Disponível em: <<http://www.carinarissi.com.br/sobre-mim>> Acesso em: 13 de fev de 2018.

ROMANELLI, Marina. **A representatividade feminina na literatura brasileira contemporânea**. Orientadora: Cristiane Henriques Costa. Rio de Janeiro, 2014. Monografia (Graduação em Produção Editorial) — Escola de Comunicação, UFRJ.

SANTANA, Ana Lucia. **Literatura chick-lit**. 2009. Disponível em: <<https://www.infoescola.com/2009>> Acesso em: julho de 2017

SILVA, Andressa Batista da. **Mulheres do século XXI: carreira ao invés da família**. Disponível em: <<https://meuartigo.brasilecola.uol.com.br/redacao/mulheres-seculo-xxi-carreira-ao-inves-familia.htm>> Acesso em: 22 de março de 2018.

SILVA, André Candido, **Representações Na Literatura Hagiográfica (século XVIII)**. Faculdade De Ciências Humanas Da Universidade Federal De Grandes DouradosUFGD, 2012

SILVA, Jonathan Rodrigues da. **A Presença Feminina Na Literatura Luso – Brasileira Enquanto Autora**. Itaituba – PA: FAI – Faculdade de Itaituba, 2013.

SOUZA, Aida Kuri, **A personagem feminina na literatura brasileira**. Universidade de Extremo Sul Catarinense – UNESC - Criciúma, 2005.

SOUZA, Talita Maria de. **A importância da blogosfera literária no percurso de constituição de uma escritora independente**. Universidade Federal de São Carlos – SP, 2013

STAMATTO, Maria Inês Sucupira, **Um Olhar Na História: A Mulher Na Escola (Brasil: 1549 –1910)** – Universidade Federal do Rio Grande de Norte –UFRN. 2002.

STEFFENS, Juliana. **O que é Chick lit, 2012.** Disponível em: <<http://www.lostinchicklit.com.br>> Acesso 31 de julho de 2017.

TAVARES, Márcia Santana. **Para monitoramento da Lei Maria da Penha: Observe!.** Anais do XII Congresso Brasileiro de Assistentes Sociais. CFESS: Brasília – DF, 2010.

TEXEIRA, Nírcia Cecília Ribas Borges. **Entre o ser e o estar: o feminino no discurso Literário.** Guairacá - Guarapuava, Paraná, 2009. Disponível em: <<http://www.scielo.br/scielo>> Acesso em: 31 de julho de 2017.

VEJA.abril.com.br/entretenimento/ **A nova onda da Chick lit juvenil brasileira** (acesso 29 de julho de 2017)

VIEIRA, Bruna. **Bruna Vieira, 2013** Disponível em: <<https://grupoautentica.com.br/gutenberg/autor/bruna-vieira/1010>>. Acesso em: 12 de fevereiro de 2018.

VINHAIS, Ione Maria Rich. **Literatura, leitura e produção textual: no Ensino Médio/ Ione Vinhais.**– Porto Alegre: Mediação, 2009

WILLIAMS, Claire. **As primas portuguesas de Bridget Jones: “Chick Lit” Portuguesa. Lisboa.** 2006.

ZAGO, Gabriela da Silva. **Dos Blogs aos Microblogs: Aspectos Históricos, Formatos e Características.** Interin Revista do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Linguagens, Universidade Tuiuti do Paraná, Capa> v. 9, n. 1, 2010.

Presidência da República casa civil subchefia para assuntos jurídicos. **LEI Nº 11.340, DE 7 DE AGOSTO DE 2006.**http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/l11340.htm (Acesso em 22 de marco de 2018).